

## JOAN DIDION E A NARRATIVA COMO ENCAPSULAMENTO DE UMA ATMOSFERA TEMPORAL EM *PLAY IT AS IT LAYS*

Isabel Barbosa<sup>1</sup>

[isabelb.profissional@gmail.com](mailto:isabelb.profissional@gmail.com)

### Resumo

Nesse artigo, o filme *Play It As It Lays*, adaptado diretamente da obra literária ficcional homônima de mesma autoria, é destrinchado e estudado através das lentes dos estudos acerca da atmosfera fílmica de Robert Spadoni e da teoria narrativa de Seymour Chatman. Apoiado também sobre as elaborações de autores múltiplos em sua obra colaborativa *The transatlantic sixties: Europe and the United States in the counterculture decade*, o artigo realiza uma reflexão acima da peça fílmica *Play It as It Lays* e sua possibilidade de enquadramento na consideração de uma narrativa bem-sucedida no que diz respeito à síntese e encapsulamento de um recorte temporal, sua conjuntura sociopolítica, seus referenciais culturais e temáticos. Procurando apontar os dispositivos de ambientação instintivos usados por Didion em sua concepção particular, porém icônica, da década de 60 na Califórnia, EUA, considerada o berço do movimento da contracultura, se mostra tangível delinear como uma obra audiovisual declara as circunstâncias de uma época.

**Palavras-Chave:** roteiro; dispositivos narrativos; cinema atmosférico; anos 1960; contracultura.

### Abstract

In this paper, the film *Play It as It Lays*, adapted directly from the work of literary fiction of same authorship, is unraveled and studied through the lenses of the studies concerning Film Atmosphere conducted by Robert Spadoni and those towards a theory of narrative by Seymour Chatman. Also residing upon the elaborations of multiple authors in the collaborative piece *The transatlantic sixties: Europe and the United States in the counterculture decade*, the paper proposes a reflection upon the film *Play It as It Lays* and its likelihood of being framed within the constructs of a successful narrative in respect to the synthesis and encapsulation of temporal, sociopolitical, cultural and thematic markers. In search of pinning down the ambiance shaping, instinctive mechanisms of Didion's in her intimate, yet iconic conception of the California of the 60's, widely considered the birthplace of the counterculture movement, it is tangible to outline just how an audiovisual piece declares its circumstance.

**Keywords:** screenplay; narrative devices; atmospheric cinema; 1960 decade; counterculture.

---

<sup>1</sup> Trabalho orientado por: Prof. Dr. Pedro Butcher (pedro.butcher@espm.br).

## 1. Introdução

Tendo em vista a capacidade potencial de uma obra fílmica de transmitir os códigos de uma época, retratada ao espectador por uma peça audiovisual, e o reconhecimento da posse de Joan Didion de uma habilidade afiada no que diz respeito ao estabelecimento de um ambiente narrativo em diferentes modalidades de expressão, sua própria adaptação para as telas do romance literário de sua autoria *Play It as It Lays* se mostra um atrativo objeto no qual basear o estudo desta premissa.

A partir da leitura e análise críticas do material fílmico que constitui o filme *Play It as It Lays*, lançado em 1972, estrelado por Tuesday Weld no papel principal de Maria Weyth Lang e dirigido por Frank Perry (responsável por obras como *Mamãezinha querida*, de 1981, e *Enigma de uma vida*, de 1968), são então observáveis e identificáveis marcadores narrativos e atmosféricos por meio dos quais se estabelecem as denúncias de seu momento de concepção, a década de 1960.

Situada em Los Angeles, a narrativa acompanha sua personagem principal, uma atriz hollywoodiana frustrada, ao navegar a efervescência da contracultura, ecoante na indústria cinematográfica, seus círculos sociais e arredores. O momento coberto pela obra, uma era marcada por um movimento brusco e repentino no eixo das ideias e comportamentos, acaba sendo propícia à reflexão de uma característica extremamente marcante e recorrente entre a escrita de Didion e a direção de Perry: tornar crônico o caos.

A motivação da pesquisa, então, reside no estudo de caso do discurso de *Play It as It Lays*, auxiliada principalmente pelos conceitos de Robert Spadoni e Seymour Chatman, com finalidade de prova da hipótese de que a escritora Joan Didion é bem-sucedida no que diz respeito à captação e síntese da atmosfera de uma época em sua execução do roteiro deste filme, trazendo à tona as evidências que tornam possível tal consideração.

## 2. Sobre narrativa e a natureza da escrita de Joan Didion

Considerando o apontado pelo escritor Hilton Als sobre a escrita de Joan Didion no documentário *The Center Will Not Hold* (2021), sobre a vida e obra da autora - “De algum jeito, a estranheza da América adentrou os ossos dessa pessoa e saiu do outro lado de uma máquina

de escrever.”<sup>2</sup> -, é nítido que a escritora se destaca por sua capacidade narrativa ao retratar a década de 1960. Vinda de um veio jornalístico, os exercícios de Didion na ficção possuem características singulares resgatadas deste, imbuindo criações imaginárias com nuances de veracidade.

Em *Points West, Then and Now: The Fiction of Joan Didion*, H. Jennifer Brady descreve o estado de espírito do romance *Play It as It Lays* como “uma rendição narcótica ao momento presente” (1979, p.12)<sup>3</sup>, e implica que as obras ficcionais da autora são alinhavadas por preocupações com a anterioridade e o agora, a mudança, as fronteiras, a desordem, e como noções territoriais ocupam o espaço mental. Estas marcas estilísticas se mostram de especial utilidade para moldar alusões situacionais na literatura, e preciosas quando o cenário sob o qual a obra em questão floresce reside em uma época na qual algumas destas exatas noções foram confrontadas.

Já Claire Christhoff (1979), em seu artigo *Joan Didion, California, and the "Impersonally Personal"*, retorna à coletânea de matérias jornalísticas e ensaios *Slouching Towards Bethlehem* para chamar atenção ao modo como Didion articula sua visão de seu estado natal:

A Califórnia é um lugar onde uma mentalidade explosiva e um senso de perda tchekhoviano se encontram em inquieta suspensão; na qual a mente é atormentada por uma suspeita velada mas incapaz de ser erradicável de que as coisas devem funcionar aqui, porque aqui, debaixo de um imenso e descolorido céu, é onde o continente se esgota. (p.172)<sup>4</sup>.

Por meio desta citação, Christhoff ressalta a natureza desassossegada e observadora de Didion em seu processo criativo como não só oriunda, mas refletiva dos códigos que informam a cultura californiana. Desta forma, acumulam-se as adequações da escritora como repórter direta da cacofonia do nascimento da contracultura, seja pelo jornalismo ou pelo ofício do romance.

---

<sup>2</sup> *The Center Will Not Hold*, documentário. (Tradução nossa)

<sup>3</sup> “(...) a narcotic surrender of the mind to the present moment.” (Tradução nossa)

<sup>4</sup> “California is a place in which a boom mentality and a sense of Chekhovian loss meet in uneasy suspension; in which the mind is troubled by some buried but ineradicable suspicion that things had better work here, because here, beneath that immense bleached sky, is where we run out of continent.” (Tradução nossa)

Acerca da narrativa em si, Seymour Chatman estipula em seu artigo *Towards a Theory of Narrative* que os componentes responsáveis pela estruturação da narrativa inicialmente se segmentem em “história” e “discurso”, a anterior cascadeando à forma e à substância do conteúdo, e a posterior à forma e a substância da expressão (1978. p.26). Atentando-se então ao discurso de Joan Didion em *Play It as It Lays*, cuja particularidade é um dos pilares da atmosfera do filme, se destacam algumas falas essenciais para o estabelecimento de sua temática espelhada a da década de 1960 na Califórnia.

Exemplos da negação inicial do *status quo* quanto a força da juventude questionadora se manifestando ao princípio da contracultura se mostram quando, em uma conversa sobre cobras (figuras recorrentes ao longo do filme como indicações de perigo), o desesperançoso BZ, amigo e colega de trabalho de Carter e Maria, a indaga: “Quem quer olhar para uma cascavél?”. Posteriormente, indícios do reconhecimento de uma desordem juvenil, assim como a da contracultura, são exprimidos pela voz de uma garçonete com quem Maria conversa: “Eu já tive uma filha, ela bateu com o meu carro.”.

Entretanto, a protagonista inconsolavelmente desesperada por mudanças em sua própria situação, ao ter suas cartas entregues por Carter em seu novo apartamento, o alfineta com a fala: “Se eu quisesse ler minha correspondência, eu não teria me mudado.”, manifestando negação relativa à qualidade destrutiva de sua busca. Posteriormente, em conversas com BZ, com quem compartilha da dissatisfação generalizada, a derrota no alcance de uma transmutação arrebatadora e de verdadeiro propósito perante a inflexibilidade do sistema é finalmente verbalizada pelas trocas; “Só fale a piada.” / “Não há piada.” e “Me diga o que Deus significa.” / “Nada.”.

### 3. Sobre atmosfera

Em seu artigo *What is Film Atmosphere?*, publicado na seção Quarterly Review of Film and Video da revista Routledge em 2020, Robert Spadoni realiza um balanço das discussões a respeito da definição da atmosfera fílmica osciladas ao longo do progresso da história do cinema, ressaltando os aspectos que possivelmente a compõem, sendo estes: mise-en-scène, som, cinematografia, montagem e, finalmente, condução narrativa e as particularidades do diálogo (2019, p. 3-6).

Spadoni reconhece que a atmosfera é por muitos aproximada com a ideia de compartimentalização, e entendida como inteiramente divorciada dos demais aspectos da execução audiovisual, mais um item em uma suposta lista de ingredientes (p. 2-3). No entanto, cimenta sua perspectiva de defesa dela como uma qualidade que permeia e se estica sobre todas as outras, as potencializando e unificando em função do cumprimento do mesmo propósito, sendo toda e qualquer área imprescindivelmente responsável pela construção da atmosfera.

A ideia de banhar objetos em algo que emana do interior mais profundo deles, implicada pelo redator do artigo ao discorrer sobre o papel da mise-en-scène, aprofunda a correlação popularmente feita entre a ambientação e a atmosfera, que, parafraseando o mesmo, conjura imagens, vapores, situações climáticas, alturas estratosféricas e uma elasticidade vasta ao evocar espaços (p.3). Tendo em vista esta reflexão, é essencial que, em busca de identificar o que compõe a atmosfera de *Play It as It Lays*, seja ressaltado como o filme intoxica o espectador em uma nuvem de calor e aridez.

Cenas que se arrastam pelo brilho quente e cegante de paisagens desérticas infestadas de cascavéis e inúmeras rodovias extensas e engarrafadas se repetem com frequência ao longo da narrativa, mantendo sempre presentes as mensagens de sufocamento, desorientação, ameaça iminente e movimento constante sem intenção ou destino. Em conjunto, conversas sem conclusão em festas indistinguíveis, todas com os mesmos convidados que não inspiram confiança, se repetem fazendo com que toda a obra audiovisual seja permeada por situações similares e recorrentes que parecem não ter qualquer relevância maior.

Por meio de recursos visuais e de uma montagem que varia entre sequências longas e outras breves e difusas, sem muito apreço à cronologia, os pensamentos niilistas de Maria aparecem em forma de narrações que atropelam o material fílmico, mais profundamente infundindo cada segundo de duração da obra com seu desespero fervoroso. Insone e enclausurada em sua própria casa, apenas mantendo comunicação com seu amigo B.Z., com quem compartilha opiniões, ela vacila sem cessar enquanto tenta levar uma vida que não reconhece mais como sua.

Ao longo da trajetória em tela da protagonista, ela busca incessantemente por estrutura, regras que possam dar significado para sua vida, um desenho divino sob o qual seu

espírito se assente como poeira em meio à paisagem. A impossibilidade de o encontrar, no entanto, reforça a transmissão ao espectador de uma inquietação corrosiva, crescente ao observar a protagonista ser arrastada por infortúnios e apunhalada por perdas por todo o filme. Mediante ao sentimento de deslocamento de sua cidade natal agora desaparecida entre as dunas, uma carreira falida, um casamento em ruínas, um aborto coagido e a institucionalização psiquiátrica de sua única filha, o comportamento de Maria é regido pela desolação e autodestruição.

Sob os pilares concebidos por Robert Spadoni, que preveem que os elementos capazes de estabelecer a tonalidade emocional de uma peça audiovisual podem ser entendidos como modeladores da atmosfera filmica, é possível identificar em *Play It as It Lays* uma cartela em tons de desassossego, uma característica que também pode definir o território e a época retratados na narrativa; a década de 1960.

#### 4. Califórnia, anos 1960

Era um país no qual famílias desapareciam de forma rotineira, deixando um rastro de cheques sem fundo e documentos de reintegração de posses. Adolescentes transitavam de cidade em cidade arruinada, rejeitando tanto o passado quanto o presente, como cobras trocam a pele; crianças que nunca foram ensinadas, agora nunca mais aprenderiam os jogos que tinham sustentado a sociedade.” (DIDION, 1968, p.89)

Seguindo a migração de Joan Didion de Nova York, para onde tinha ido após a conclusão dos seus estudos para trabalhar na Vogue, à Califórnia, seu estado natal, demandas do ofício jornalístico a levariam a São Francisco, onde começaria sua popular matéria de cobertura da cena que se instalava no bairro Haight-Ashbury. Chegando ao endereço de residência dos filhos da contracultura, ela se viu atingida pela noção de que estava vendo o ápice de algo importante, e como descreve no documentário sobre sua vida e obra, *The Center Will Not Hold*, a revolta hippie que ela presenciava se tratava, na verdade, de uma revolta de crianças dessatisfeitas.

Mantendo em vista que a ascensão da contracultura se situava em um momento de especial prosperidade e potência dos Estados Unidos da América, a juventude ocidental estava

consideravelmente munida de influência, entretanto, uma multiplicidade de problemáticas coloria o clima da época com a suspeita de que algo estava terrivelmente errado com “o sistema”. Este poder, no entanto, em conjunto com um cenário no qual a lacuna geracional entre os mesmos e aqueles que os antecederam era inegavelmente drástica, acabou por estabelecer o terreno ideal para uma revolta, e por meio de protestos nas ruas e universidades, a queima de sutiãs e registros de alistamento ao exército, desistências de cursos universitários e fugas de casa, os hippies demandavam que sua voz fosse ouvida.

Assim como Maria e B.Z. em *Play It as It Lays*, o movimento hippie cultivava um senso de comunidade entre os irrequietos, compartilhando a ânsia expansiva pelo desmantelamento de um *status quo* que não se mantinha em meio às discussões sendo levantadas na época, para sua então substituição pela utopia. Direitos das minorias sociais, direitos reprodutivos, preocupação política com o bem coletivo, libertação sexual e psíquica eram os principais objetos dos clamores da juventude transgressora dos anos 1960, posando então o quebra-cabeça da intangibilidade do ideal.

A juventude amontoada pela imensidão rasgada no tecido do espaço-tempo daquela vizinhança em São Francisco havia adotado “a catatonia como estilo de vida”, assim como pontuado por Carter sobre sua esposa em *Play It as It Lays*, visto que a heroína da obra também se vê removida de um lugar que não se pode mais encontrar; a cidade fictícia Silver Wells, perdida em meio a atecnia desértica. Praguejados pela busca por um local imaculado e incapaz de ser rastreado, Maria Wyeth e a juventude estadunidense, em nome do alcance da plena clareza do que significa existir, então se voltam à autodestruição.

Desta forma, considerados a pesquisa e os escritos de Russell Duncan e Tomasz Basiuk em *The Transatlantic Sixties: Europe and The United States in The Counterculture Decade*, o paralelo entre os desajustados personagens retratados por Joan Didion no filme com a juventude hippie da factível Califórnia dos anos 1960 se revela reforçável, pois assim como Maria e B.Z., pessoas que não conseguiam alcançar o que os preencheria estavam cultivando com sua frustração a tendência pelos excessos, se encontrando e morrendo nos braços uns dos outros.

## 5. Conclusão

A atmosfera fílmica, enfim, pode ser resumida como a conjuntura de diversos aspectos da realização audiovisual que aponta para o mesmo alvo, sendo ele a sustentação do microcosmos dentro do qual a narrativa está inserida. *Play It as It Lays*, por sua vez, pode ser considerado um filme atmosférico por conter em diversas competências a sustentação de uma mensagem em comum; fundamentar um paralelo com temáticas de sua própria época. A década de 1960 informa intrinsecamente tanto a história, quanto o discurso do filme, de forma que sua ambientação em qualquer outra época não conservaria o mesmo poderoso efeito referencial-ressonante.

Nesta obra audiovisual em questão, ainda que desconhecido se plenamente intencional por parte de sua criadora, ou se apenas produto da intoxicação de sua psique pelo impulso jornalístico de descrever e definir o “agora”, é gritante o quanto de seu momento de elaboração é revelado através dela. A mise-en-scène e o roteiro, sobretudo, são ferramentas especialmente importantes para a transmissão de imagens e ideias para efeito de síntese temática do alvoroço da contracultura e do estado de espírito da juventude californiana naquele recorte temporal.

Portanto, os esforços criativos de Joan Didion podem ser considerados atmosféricos por respeitarem as proposições de Robert Spadoni sobre o que qualificaria esta propriedade. A multiplicidade de pontos de apoio da aclimação de *Play It as It Lays* nos anos 1960, e o aspecto essencial desta característica para dar sentido às mensagens ao núcleo da narrativa, tornam a pintar com maestria um retrato singular e poderoso de uma época repleta de nuances.

### Referências

- CHATMAN, S. Towards a Theory of Narrative. **New Literary History**, v. 6, n. 2, p. 295, 1975.
- CHRISTHOFF, C. Joan Didion, California, and the "Impersonally Personal". **Popular Culture Association in the South**, v. 43, n. 1, p. 45, 2020.
- DONALDSON, K. Joan Didion's Hollywood and "Play It as It Lays". **MUBI Notebook**, 2022.
- DIDION, J. *Play It as It Lays*. **London: Fourth Estate**, 2011.
- DIDION, J. *Slouching Towards Bethlehem*. **Farrar, Straus and Giroux**, 1968.
- JENNIFER BRADY, H. *Points West, Then and Now: The Fiction of Joan Didion*. **Contemporary**

**Literature**, v. 20, n. 4, 1979.

KOŚĆ, G. **The Transatlantic Sixties: Europe and The United States in The Counterculture Decade**. Bielefeld: Transcript, 2013.

SPADONI, R. What is Film Atmosphere? **Quarterly Review of Film and Video**, v. 37, n. 1, p. 1–28, 22 jul. 2019.

Play It as It Lays. **Universal Studios**, 1971.

The Center Will Not Hold. **NETFLIX**, 2019.